

Memória de mulheres em convivência com companheiros alcoolistas

Memory of women living with alcoholic fellows

Memoria de mujeres que viven con fellows alcoholianos

Recebido: 06/05/2020 | Revisado: 14/05/2020 | Aceito: 17/05/2020 | Publicado: 30/05/2020

Laiza Carvalho Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5500-8737>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: laiza.ccosta@hotmail.com

Edmeia Campos Meira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8328-6918>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: edmeiameira@yahoo.com.br

Andréa dos Santos Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5984-6313>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: andreassouza75@gmail.com

Larissa de Oliveira Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5230-7181>

Secretaria de Saúde de Jequié, Brasil

E-mail: larissaovieira@hotmail.com

Pamella Bispo Botelho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2907-2150>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: pamellabispo@hotmail.com

Vanda Palmarella Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5689-5910>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br

Resumo

Introdução: O consumo abusivo do álcool está presente no convívio familiar e conjugal de muitos brasileiros, tendo como principal bebedor o homem. A convivência com alcoolista implica em desarranjo nas relações afetivas, podendo ser vivenciada por meio de violência e sobrecarga à mulher. Deste modo, este estudo tem como objetivo analisar o sentido da memória de mulheres em convivência com companheiro alcoolista. **Método:** Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, fundamentada na História Oral de Vida, realizado no período de abril a outubro de 2019, com cinco mulheres cônjuges/ex conjugues de alcoolistas, no interior da Bahia, Brasil. As experiências foram coletadas por meio de entrevista semiestruturada gravadas e transcritas, analisadas através da análise de conteúdo temática. **Resultados:** As lembranças das mulheres produziram duas categorias temáticas, O Passado: desafios na convivência conjugal; O Presente: experiência de resiliência e empoderamento. As mulheres perceberam a dependência do álcool dos companheiros tardiamente, vivenciando mudanças comportamentais dos companheiros, seguidas por experiências de violência doméstica, resultando em impactos na sua saúde mental. A religião esteve presente nas opções morais de vida que orientaram as mulheres nos aspectos da resiliência e no empoderamento. **Conclusões:** Destaca-se que as mulheres perceberam tardiamente que o consumo abusivo do álcool colaborava para os comportamentos agressivos do companheiro. Assim, a violência doméstica sofrida pelas mulheres produziu o aparecimento dos sinais de ansiedade e depressão. Por fim, a convivência com o companheiro alcoolista proporcionou às mulheres não apenas o adoecimento, mas contribuiu para a resiliência e o empoderamento na tomada de decisões.

Palavras-chave: Alcoolismo; Violência de gênero; Relações familiares; Gênero e saúde.

Abstract

Introduction: Alcohol abuse is present in the family and conjugal life of many Brazilians, with the main drinker being the man. Living with alcoholics implies a breakdown in affective relationships, which can be experienced through violence and overload to women. Thus, this study aims to analyze the meaning of the memory of women living with an alcoholic partner. **Method:** This study is a qualitative, descriptive research, based on the Oral History of Life, carried out from April to October 2019, with five women spouses / ex spouses of alcoholics, in the interior of Bahia, Brazil. The experiences were collected through semi-structured interviews recorded and transcribed, analyzed through thematic content analysis. **Results:** Women's memories produced two thematic categories, The Past: challenges in conjugal

coexistence; The Present: experience of resilience and empowerment. Women perceived their partners' alcohol dependence late, experiencing behavior changes in their partners, followed by experiences of domestic violence, resulting in impacts on their mental health. Religion was present in the moral options of life that guided women resilience and empowerment.

Conclusions: It is noteworthy that women realized late that alcohol abuse contributed to their partner's aggressive behaviors. Thus, domestic violence suffered by women produced the appearance of signs of anxiety and depression. Finally, living with an alcoholic partner provided women with not only illness, but also contributed to resilience and empowerment in decision-making.

Keywords: Alcoholism; Gender-based violence; Family relations; Gender and health.

Resumen

Introducción: El abuso de alcohol está presente en la vida familiar y conyugal de muchos brasileños, siendo el bebedor principal el hombre. Vivir con alcohólicos implica un colapso en las relaciones afectivas, que se pueden experimentar a través de la violencia y la sobrecarga para las mujeres. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar el significado de la memoria de las mujeres que viven con una pareja alcohólica. **Método:** Este estudio es una investigación cualitativa, descriptiva, basada en la Historia oral de la vida, realizada de abril a octubre de 2019, con cinco esposas / ex esposas de alcohólicos, en el interior de Bahía, Brasil. Las experiencias se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas grabadas y transcritas, analizadas mediante análisis de contenido temático.

Resultados: Los recuerdos de las mujeres produjeron dos categorías temáticas, el pasado: desafíos en la convivencia conyugal; El presente: experiencia de resiliencia y empoderamiento. Las mujeres percibieron la dependencia del alcohol de sus parejas tarde, experimentando cambios de comportamiento en sus parejas, seguidas de experiencias de violencia doméstica, lo que resultó en impactos en su salud mental. La religión estaba presente en las opciones morales de la vida que guiaban la resiliencia y el empoderamiento de las mujeres. **Conclusiones:** Cabe destacar que las mujeres se dieron cuenta tarde que el abuso de alcohol contribuyó a los comportamientos agresivos de su pareja. Así, la violencia doméstica que sufren las mujeres produce la aparición de signos de ansiedad y depresión. Finalmente, vivir con una pareja alcohólica no solo proporcionó enfermedades a las mujeres, sino que también contribuyó a la resiliencia y el empoderamiento en la toma de decisiones.

Palabras clave: Alcoholismo; Violencia de género; Relaciones familiares; Género y salud.

1. Introdução

O consumo do álcool está presente socialmente desde tempos antigos, utilizado por diversas culturas em ocasiões sociais como cerimônias religiosas e eventos culturais (Lopes, Guanassin, Marcon & Decesaro, 2015). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019) o consumo abusivo do álcool está associado ao consumo excessivo que acarreta aos usuários, danos físicos ou psíquicos. A dependência do álcool é definida como grupo de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o consumo repetido de álcool, e o alcóolicos como um indivíduo que bebe de maneira abusiva, cuja dependência em relação ao álcool está associada ao comprometimento mental, físico, relacional e comportamental (OMS, 2019).

No entanto, os danos causados pelo consumo do álcool não se limitam apenas ao usuário, mas atingem a família e a sociedade, considerado um problema de saúde pública (Lopes, et al, 2015). No Brasil, em 2017, a taxa de pessoas que consumiram o álcool nos últimos 30 dias abrange 46 milhões de habitantes, sendo 55,1% do sexo masculino. Isto posto, a exposição à dependência é maior também entre os homens, sendo 2,4% alcóolicos do sexo masculino para 0,7% do sexo feminino (Bastos, Vasconcelos, Boni, Reis & Coutinho, 2017).

Por se tratar de um transtorno que acomete em sua maioria o homem, as relações familiares tendem a se estruturar em companheiros – dependentes e companheiras – codependentes, permeadas por fatores sociais e patológicos como o alcoolismo e as relações de gênero que passam a ditar as regras de convivência e conferir à mulher a responsabilidade pelo alcoolista (Carvalho, et al, 2018).

Mulheres que convivem com alcoolistas estão mais propensas a desenvolverem problemas físicos e mentais, advindos dos relacionamentos conflituosos e da sobrecarga de atividades assumidas, podendo ainda ser submetidas a diversas formas de violência (Souza, Carvalho & Teodoro, 2012). Entender como essa mulher convive com o companheiro alcoolista, e quais as implicações desta convivência na sua história de vida está intrinsecamente ligado às questões de gênero. Neste sentido, consideram-se as relações de desigualdades presentes no contexto social e familiar, sendo importante destacar o gênero como categoria analítica e relacional a qual perpassa pelas relações de poder, tomando por base as construções sociais dos papéis de homens e mulheres (Scott, 1989).

Conforme o que foi exposto, o estudo tem como objetivo analisar o sentido da memória de mulheres em convivência conjugal com o companheiro alcoolista.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo tendo como concepção teórico-metodológica a memória, composta pelas experiências vivenciadas do convívio da mulher com o companheiro alcoolista, processadas em imagens e lembranças do tempo passado em coexistência com o presente (Bergson, 1999). A ênfase na História Oral de Vida permite a subjetividade na evocação de memórias e experiências particulares de cada indivíduo proporcionando ainda a sua documentação e posterior análise (Meihy & Holanda, 2013). A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tendo aprovação sob o parecer 3.233.649/2019.

Participaram do estudo cinco mulheres que apresentam histórico de convivência familiar com pessoas que vivenciam a dependência de álcool, referenciadas pela instituição de saúde mental: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS-Ad) em um município do interior da Bahia. O CAPS-ad é um dispositivo de saúde que pertence à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que busca atender pessoas com necessidade de uso recorrente de álcool e outras drogas através da reabilitação psicossocial (Brasil, 2020). Foram critérios de inclusão: ter idade adulta com mais de 18 anos, estar em condições para expressão da linguagem oral e possuir experiência de convivência há mais de um ano com o alcoolista e critérios de exclusão: não manter ou não ter mantido relação conjugal com companheiro alcoolista.

O contato prévio com as mulheres referenciadas ocorreu por meio de ligação telefônica, com informe do objetivo da pesquisa. Posteriormente, foram marcados encontros em locais escolhidos pelas mesmas, com aceite por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) atendendo às Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e nº 510 de 07 de abril de 2016. Assim, por meio de codinomes de flores, foi garantindo o sigilo e preservação da identidade.

As entrevistas com roteiro semiestruturado foram desenvolvidas com base nas questões de investigação (Você conviveu com alguma pessoa que consumia álcool excessivamente em sua infância ou adolescência?; E em sua vida adulta antes do casamento?; Como foram os primeiros anos de casamento? Quando o álcool foi percebido enquanto um problema?; Como você lidou com os problemas desencadeados pelo beber excessivo do companheiro?; Como você percebe sua vida conjugal atualmente?; Como você percebe sua vida individual atualmente?), seguindo as etapas de pré-entrevista, entrevista e pós-entrevistas

(Meihy & Holanda, 2013). As entrevistas foram realizadas de forma individual, em locais reservados escolhidos pelas participantes, com duração média de 1h 30min e com o auxílio de gravador.

Com as entrevistas transcritas procedeu-se à análise das informações ao seguir o procedimento da História Oral de Vida cujas etapas são: 1. A fiel transcrição do oral para o escrito; 2. A textualização que compreendeu a transliteração da fala das participantes em primeira pessoa; 3. A transcrição tendo esta ocorrida a partir da aproximação da intenção e sentido original da fala das participantes, permitindo adequação das dimensões subjetivas; 4. Conferência e autorização, que resultou na leitura do texto final da entrevista e aprovação da mesma pelas participantes; e por fim, 5. Retorno das histórias orais obtendo aprovação da produção final da pesquisa (Meihy & Holanda, 2013). Por fim, os dados provenientes das entrevistas foram analisados de acordo a Análise de Conteúdo Temática de Bardin (2011), que após extensiva leitura do material, possibilitou-se a codificação, classificação e obtenção de duas categorias temáticas, fundamentadas na base teórica, no problema e no objetivo deste estudo.

3. Resultados

O grupo de participantes foi composto por cinco mulheres, com idade entre 49 a 78 anos, com quatro participantes possuindo renda familiar média inferior a R\$700,00, predominantemente da religião católica. Três mulheres possuíam apenas o primeiro grau de escolaridade completo e uma com ensino superior completo, quatro exerciam atividade de cuidadoras do lar e uma enfermeira.

Quanto às relações conjugais, quatro mulheres estavam em relacionamento conjugal em média há 30 anos, e apenas uma estava em separação definitiva há dois anos. O alcoolismo dos companheiros foi percebido como um problema na relação conjugal após cinco anos de casamento, sendo que três não realizam tratamento para dependência, um está em reabilitação e abstinência há dois anos, e um em reabilitação no CAPS-Ad em controle de redução de danos para o álcool.

As experiências advindas das mulheres em convivência com esposos alcoolistas tem o apoio teórico de Bérghson (1999), em que a memória é situada num tempo em que se processam imagens e lembranças em coexistência do passado com o presente e o futuro em relação intersubjetiva que compõem a experiência, as lembranças evocadas em permanência e estabilidade concretizadas por meio da imagem de lembrança.

Deste modo, no campo da memória evocada por meio dos relatos em história de vida, foram produzidas duas categorias temáticas: 1- O Passado: desafios na convivência conjugal; 2- O Presente: experiência de resiliência e empoderamento.

O Passado: desafios na convivência conjugal

Nesta categoria foram elencadas as lembranças do tempo passado nos relatos das mulheres vivenciadas nos primeiros anos de casamento, da percepção do alcoolismo dos companheiros como um problema no relacionamento conjugal e familiar e as suas repercussões na geração de conflitos e violência contra a mulher.

As lembranças iniciais nos relatos das mulheres sobre o casamento remetem ao cumprimento dos papéis sociais impostos na construção social de gênero, sendo a mulher cuidadora e o homem protetor, como pessoas que se complementavam no relacionamento, não havendo a percepção do alcoolismo como doença e suas repercussões, conforme os seguintes depoimentos:

“Eu cuidava dele que ele trabalhava não bebia, eu cuidava dele, a roupinha tudo lavadinha, tudo cuidadinho direitinho”. (Copo de Leite)

“Eu vi nele um homem que chegou que tinha também uma proteção que estava disposto também a ser meu protetor [...] ele era muito carinhoso”. (Margarida)

“Bebia, mas era pouco, bebia pouco, não era descontrolado. Só [bebia] festa assim”. (Rosa)

Entre um a 10 anos de casamento o consumo de álcool começou a ser percebido pelas mulheres como um obstáculo para a convivência conjugal familiar como relatam:

“Depois de um ano e pouco pronto, aí ele começou a beber e aí se transformou. [...] na segunda gravidez foi muito difícil, foi uma gravidez muito difícil. Ele bebendo direto, trabalhava depois chegava a notícia aqui que ele tava bêbado no trabalho”. (Copo de Leite)

“Depois de uns 10 anos mais ou menos foi ficando descontrolada”. (Rosa)

A progressão da doença implicava em uma convivência familiar conflituosa, representada em discussões, constrangimentos sociais e mudanças de personalidade.

“Era só beber que ninguém tinha sossego”. (Rosa)

“Os momentos que ele estava alcoolizado sempre foi conflituoso sempre estava conflituoso, sempre”. (Margarida)

“Sem beber é ótima pessoa, Ave Maria, de bom não presta! Mas é beber se transforma”. (Adélia)

Dentre as lembranças do passado, foram relatadas situações de violência contra as mulheres praticadas pelos companheiros, as quais informaram mais de um episódio tendo todos ocorridos quando os homens estavam em crise alcoólica. Quanto às formas de violência, a violência psicológica foi referida por três mulheres, sendo exercida por meio da agressão verbal. As expressões desta forma de violência ocorreram por meio de falas de menosprezo às mulheres e críticas ao desenvolvimento das atividades domésticas.

“Ele me dizia palavras que me machucavam demais [...] me chamava de mulambo”.
(Copo de Leite)

“[o marido dizia] aí óh tô dizendo! Aí oh! Tá ficando velha, tá perdendo mão para o tempero, nem temperar uma comida mais sabe. Eu [marido] não tenho nada no coração, você que tá podre aí do coração, eu não tenho nada no coração não”.
(Rosa)

“Quando tá bebo fica falando: Ah porque aqui dentro de casa tu não faz nada! Não faz nada de comida. Aqui dentro de casa eu tô passando fome, não sei o quê”.
(Adélia)

Quando questionadas sobre outras formas de violência, as mulheres relataram memórias de violência física por meio de agressões ou tentativas de lesão corporal a elas ou aos filhos, e uma citou a violência sexual através da tentativa de imposição do sexo entre o casal.

“Teve um dia que ele foi lá no bar e demorou de chegar, [...] aí eu falei assim, pensava que não vinha mais, ele deu um balão assim na mesa como que quem ia quebrando, quebrar tudo”. (Bem-me-quer)

“Muitas vezes, todas as vezes que bebia, todas às vezes [...] teve uma vez que ele tentou me dar uma facada não conseguiu e enfiou no sofá”. (Copo de Leite)

“Esse homem entrou doido, pegou, bateu tanto na minha menina, cabou panhou, amarrou minha filha, pegou o cadeado e botou na corrente do cachorro e botou minha filha amarrada”. (Rosa)

“Ele queria fazer sexo, eu no quinto dia que eu tinha feito abdominoplastia com sonda com tudo, e bebendo diariamente sabe? E não funcionava, não tem conexão né? Mas eu não deixei, mas ele me cobrou sabe”. (Margarida)

O Tempo Presente: experiência da resiliência e empoderamento

Na segunda categoria foram elencadas as memórias das mulheres que remetiam ao tempo passado em coexistência virtual com o presente, marcadas pelas repercussões do convívio com o companheiro alcoolista na sua vida, opções morais que as orientaram aos processos de resiliência e a percepção das mesmas sobre sua condição de vida atual.

A permanência no convívio com companheiros alcoolistas foi lembrada pelas mulheres como experiências difíceis, tendo impactos na saúde mental, com o desenvolvimento de sintomas depressivos, relatadas por meio da reclusão social, perda do ânimo para realizar atividades antes prazerosas e do interesse pelo autocuidado resultando em baixa estima.

“Ah, eu acho que trouxe muito prejuízo. Porque antes sei lá, antes pra sair, assim, eu tinha aquela alegria, hoje em dia eu num ligo não, pra mim, pra sair”. (Adélia)

“Fiquei no certo ponto, que eu absorvi todas as palavras ruins que ele falou pá mim. Eu absorvi pra mim”. (Copo de Leite)

“Eu entrei numa deprê, assim, coisa horrível de insegurança por causa dele. [...] Eu comecei a tomar rivotril, rivotril, rivotril e antidepressivo”. (Margarida)

Quanto às atitudes tomadas que as orientaram para a resiliência, as experiências foram variadas entre as participantes, sendo reflexos de suas crenças e formações culturais. Três mulheres fizeram uso do não enfrentamento e/ou do apego aos preceitos religiosos como observado nos relatos:

“Eu fico quieta, não digo nada, fico quieta”. (Adélia)

“Oro mutio, peço muntio a Deus. Levanto de manhã orando, passo o dia orando”.
(Bem-me-quer)

“Eu só pedia a Deus, todo dia pedia a Deus, pedia a Nossa Senhora do Desterro pra desenterrar aquela bebida e ela me ajudou que desenterrou mesmo”. (Rosa)

Entretanto, duas participantes optaram pela separação como atitude que as orientaram para resiliência, sendo que uma mulher seguiu com a separação e a outra suspendeu o divórcio, como relataram:

“Me separei dele [...] morando na mesma casa, mas eu não cuidava dele, se adoecesse eu não cuidava, não fazia comida pra ele nada. [...] Aí depois que a última vez que ele me bateu, que aí chamaram a polícia, ele foi preso, aí eu dei um ponto final”. (Copo de Leite)

“Eu ameaçava ir embora, procurei um escritório de advogado, [...] e depois suspendi”. (Margarida)

Por fim, quatro mulheres relataram satisfação com seu momento de vida atual e com a maneira que conduziam o convívio com o alcoolismo dos companheiros, visualizando mudanças das realidades anteriormente vivenciadas.

“A diferença é que eu tô em paz dentro de casa”. (Copo de Leite)

“Eu suportei tudo e hoje a gente tá em paz graças a Deus. Hoje ele já se preocupa com a minha saúde, que antigamente ele não se preocupava quando tava bebendo”.
(Rosa)

“Hoje eu digo pra você estou com ele, vou ficar com ele agora até o fim, sabe? E tô no desafio com Deus, Senhor, cumpra a tua vontade”. (Margarida)

4. Discussão

O perfil das participantes da pesquisa diverge dos encontrados por Lopes e Franco Júnior (2018). Neste estudo, em sua maioria, as mulheres apresentam média de 64 anos, donas de casa, com tempo médio de 30 anos de casamento. Enquanto o perfil encontrado pelos autores citados se refere, em sua maioria, a mulheres com média de idade 47,81 anos, que trabalham fora de casa e com tempo médio de casamento de 22,5 anos. Contribuindo para consolidar a existência da relação conjugal com homens alcoolistas aos mais diversos grupos de mulheres.

A convivência com o companheiro alcoolista no tempo passado se apresenta sob diferentes experiências femininas em relações de desafios. Nos primeiros anos de casamento, há a percepção de enquadramento nos papéis sociais preconcebidos, os quais ditam mulheres como cuidadoras de seus maridos, filhos e do lar, e homens provedores e protetores (Coutinho & Meandro, 2010).

Esses achados são também apresentados por Coutinho e Meandro (2010) e Rosa (2017) os quais em seus estudos afirmam que as mulheres vislumbravam no casamento seu ideal de vida, a concepção de cuidado com o marido, filhos e com o lar. Percebem o casamento como oportunidade de libertação da opressão familiar, buscando nos maridos a segurança e proteção, referindo que os primeiros anos de casamento são marcados pelo amor e respeito entre o casal.

Nestas lembranças não há a visualização do álcool como um fator prejudicial à família e/ou ao convívio social. Entretanto, o álcool foi percebido como fator deletério à família (Melo & Cavalcante, 2019), quando o consumo alcóolico abusivo foi associado às mudanças de comportamento, destacando-se a agressão. Esse reconhecimento tardio está permeado pela negação, sendo comum entre as esposas o sentimento de culpa e de constrangimento (Nascimento, Lima, Hattori & Terças, 2019) e a busca por justificativas para os conflitos na convivência e para o consumo do álcool pelos companheiros (Lopes, et al, 2015).

O consumo abusivo do álcool desenvolve mudanças de ordem comportamental e compromete o funcionamento social do indivíduo. Segundo Nascimento et al. (2019) as esposas reconhecem o álcool como fator de interferência de ordem financeira, biológica, emocional e na interação familiar, com consequências para o companheiro, esposa e filhos.

As relações de conflitos conjugais são recordadas pelas participantes por episódios de violências durante crises alcólicas dos companheiros. A ocorrência de violência contra a mulher não pode ser concebida pela relação causa-efeito, a exemplo da unicausalidade, nem

deve ser entendida como consequência do ato de beber, contudo o álcool se apresenta ora como precipitante, ora como potencializador das agressões quando há associação entre a quantidade de álcool consumida e o aumento do comportamento violento do parceiro (Feijó, et al, 2016), ocasionado pelo efeito do álcool no sistema nervoso simpático do alcoolista (Carvalho, et al, 2018).

Dentre as agressões sofridas, as lesões corporais e agressões psicológicas se apresentam como as mais recorrentes, sendo ignorada a agressão sexual pela maioria das mulheres por visualizarem o sexo como uma obrigação na relação conjugal (Vasconcelos, Holanda & Albuquerque, 2016).

A construção social nas relações conjugais marcadas pelo patriarcado, o qual alimenta as desigualdades de gênero, revelam na violência doméstica contra a mulher características próprias tendo o homem como dominador e, portanto, permissível de agredir, e a mulher como dominada, devendo suportar as agressões (Saffioti, 2015). Assim, as relações conjugais permeadas pelo alcoolismo dos companheiros, apresentam fatores sociais, biológicos e culturais, que validam as agressões (Rosa, 2017).

Por sua vez, a experiência da convivência da mulher com companheiro alcoolista é marcada pelo desgaste emocional ao lidar com as bebedeiras do companheiro, os episódios de violência doméstica e a responsabilização pela manutenção familiar, tendo forte impacto na sua saúde mental.

Nos estudos de Souza e Teodoro (2012) observou-se que 90% das mulheres apresentaram sinais de depressão. Enquanto, nos estudos de e Lopes e Franco Júnior (2018) 43,3% e 55% das esposas de alcoolistas apresentaram, respectivamente, sinais de depressão e ansiedade, não tendo correlação com tempo de casamento ou idade das esposas. Os resultados corroboram com os achados deste estudo, no qual as mulheres também apresentaram sinais de ansiedade e depressão, podendo afirmar que o adoecimento provocado pelo consumo abusivo do álcool não se restringe ao bebedor, mas provoca o adoecimento das mulheres que mantêm relacionamentos com estes dependentes.

No contexto de adoecimento conjunto e desarmonia familiar no qual as mulheres estão expostas, as mesmas optam por atitudes que as orientem para a resiliência, sendo este “o processo de boa adaptação em face de adversidades, traumas, tragédias, ameaças ou motivos significativos de estresse” (American Psychological Association, 2020, s/p). Neste cenário, a religião, presente nas falas das mulheres, tem forte influência nas atitudes tomadas por elas, quando ora possibilita esperança à mulher na superação dos conflitos e reestabelecimento da

união familiar e ora fomenta a submissão feminina diante do homem, responsabilizando-a pela manutenção do casamento (Portella, 2018).

No presente estudo, o caso de Rosa e Margarida, que fizeram uso do pedido de separação, percebe-se a dificuldade da continuidade do processo, onde as mulheres ameaçaram se separar na esperança de mudança de atitude em relação ao álcool ou à violência vivida. Estabelecer a separação definitiva, portanto, perpassa por enfrentar a pressão social em preservar a unidade familiar, além de romper os ciclos de violência e superar as dependências de ordem afetiva e financeira que mantém a mulher no relacionamento (Rosa, 2017; Feijó, et al, 2016; Saffioti, 2015).

Entretanto, apesar das influências externas quanto à permanência nas relações, as experiências vivenciadas pelas mulheres da pesquisa mediante as escolhas morais possibilitaram a conquista do empoderamento feminino, ao exercerem sua autonomia, optando por uma escolha consciente. Assim, o processo de empoderamento permite que a mulher assuma o controle de suas escolhas, enfrentando os processos de desigualdade social e pondo fim ao ciclo de violência, refletindo em uma melhor qualidade de vida (Cortez & Souza, 2008).

Por fim, percebe-se que as experiências das mulheres que convivem ou conviveram com companheiros alcoolistas são permeadas por um adoecimento coletivo com repercussões nas relações familiares. Deste modo, esta convivência permite às mulheres vivenciarem de modo ambíguo as opções morais que as orientam para resiliência e empoderamento.

5. Conclusões

Frente ao exposto, foi possível concluir que as experiências das mulheres em convivência com companheiros alcoolistas apontaram para uma percepção tardia do alcoolismo como doença, o que permite a progressão da mesma sem seu devido cuidado. Além disso, foi possível identificar experiências de violência doméstica tendo contribuído para o adoecimento das mulheres, apresentando impactos na saúde mental. Assim, percebe-se a necessidade de políticas públicas que integrem o cuidado de toda família, fomentando uma visão ampliada das redes familiares e da complexidade do alcoolismo para além do alcoolista.

Foi percebida a influência da religião e das construções sociais dos papéis de gênero nas escolhas das mulheres em permanecerem ou não com os companheiros. Entretanto, apesar das diferentes atitudes frente à convivência com o alcoolista, as mulheres apresentaram sinais de resiliência, demonstrando opções morais dicotômicas frente às adversidades vivenciadas.

Assim, analisar os achados do estudo, com base na categoria de gênero se mostra como importante mecanismo de voz e visibilidade a essas mulheres, estimulando, sobretudo sua autonomia e controle decisório, ao respeitar suas diferentes compreensões de mundo e de vida e os desdobramentos que podem advir desse contexto, no intuito de ressignificar a vida das mulheres.

Deste modo, entende-se que o profissional de Enfermagem cuja atuação permite um contato próximo ao contexto familiar, pode contribuir com a promoção de mecanismos, a exemplo da escuta qualificada que auxilia na orientação e encaminhamento das mulheres aos cuidados necessários, reconhecer a convivência com o alcoolista como fator de vulnerabilidade. Para além, almejassem-se que o trabalho multiprofissional com usuários de álcool e seus familiares ocorram de modo permanente e equitativo, respeitando as necessidades e demandas de cada indivíduo, tendo como ferramenta a busca ativa dos consumidores habituais e potenciais dependentes, bem como de seus familiares, a fim de ampliar o cuidado de modo preventivo.

Este estudo contribui com a literatura científica recente sobre a convivência de mulheres com companheiros alcoolistas. Os aspectos relevantes desse estudo decorrem da descrição e análise das experiências vivenciadas por mulheres em convivência com o companheiro alcoolista, a abordagem de gênero que caracteriza o papel social dessas mulheres, o tempo de convivência em relação conjugal que fundamentam as memórias. Entretanto, aponta-se que este estudo se limitou a uma pequena amostra, sendo necessários mais estudos para o aprofundamento do tema, realçando as particularidades das mulheres e as construções sociais que permeiam o ser mulher e a reconheçam como responsáveis pelo autocuidado.

Referências

American Psychological Association (2020). Building your resilience. Washington, DC; 2020
Recuperado em 13 de abril de 2020 de <https://www.apa.org/topics/resilience>.

Bardin L. (2011) Análise de Conteúdo (6ª ed). Lisboa: Portugal.

Bastos FIPM, Vasconcelos MTL, Boni RB, Reis NB & Coutinho CFS. (2017). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro:

FIOCRUZ/ICICT. Recuperado em 18 setembro 2019 de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>

Bergson, H. (1999). *Matéria e Memória* (2.ed). São Paulo: Martins Fontes.

Brasil. (2020). Ministério da Saúde. *Saúde mental: o que é, doenças, tratamentos e direitos*. Recuperado em 05 abril 2020 de <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental>

Carvalho MRS, Oliveira JF, Gomes NP, Santos MM, Estrela FM & Duarte HMS. (2018). Interface entre violência conjugal e consumo de álcool pelo parceiro. *Rev Bras Enferm.*, 71 (5). doi: 10.1590/0034-7167-2017-0540

Cortez MB & Souza L. (2008) Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicol. (Univ. Brasília, Online)*, 24(2), 171-80. doi: 10.1590/S0102-37722008000200006

Coutinho SMS & Meando PRM. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". *Psicol Clin.*, 22 (2). doi:10.1590/S0103-56652010000200007

Feijó MR, Noto AR, Silva EA, Polverini Locatelli D, Camargo ML & Gebara CFP. (2016). Álcool e violência nas relações conjugais: um estudo qualitativo com casais. *Psicol. Estud.*, 21(4), 581-92. doi: 10.4025/psicoestud.v21i4.31556

Lopes AP & Franco Jr AJ.A. (2018). Perfil sociodemográfico e sintomas de ansiedade e depressão de esposas de alcoolistas. *Interfaces Científicas: saúde e ambiente*, 6(2), 65-72. Recuperado em 19 de setembro de 2019 de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/saude/article/view/4780/pdf>

Lopes APT, Ganassi GS, Marcon SS & Decesaro MN. (2015). Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar. *Estudos de Psicologia*, 20 (1), 22-30. Recuperado em 18 setembro 2019 de doi: 10.5935/1678-4669.20150004.

Meihs JCSB & Holanda F. (2013). História oral: como fazer, como pensar (2.ed). São Paulo: Contexto.

Melo CF & Cavalcante IS. (2019). A Codependencia em Familiares de Adictos. J res: fundam care Online, 11, 304-10. Recuperado em 20 de setembro de 2019 de http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/6439/pdf_1

Nascimento, VF, Lima, CC, Hattori TY & Terças ACP. (2019) Daily life of women with alcoholic companions and the provided care. An Acad Bras Cienc., 91 (1). doi: 10.1590/0001-3765201920180008

Organização Mundial da Saúde (2019). Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – CID-11. Recuperado em 13 abril 2020 de <https://icd.who.int/browse11/1-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/1580466198>.

Portella, R. (2018). Memória, indivíduo e religião: pressupostos para a pesquisa sobre religião no tempo presente. REVER, 1, 195- 208. doi: 10.23925/1677-1222.2018vol18i1a10

Rosa, CR. (2017). O álcool e a violência doméstica: efeitos e dramas. VistuaJus, 13(1), 243-69. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/15099>

Saffioti, H. (2015). Gênero, Patriarcado, Violência (2ª ed). São Paulo: Expressão.

Scott, J. (1989). Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history.

Souza J, Carvalho AMP & Teodoro MLM. (2012) Esposas de alcoolistas: relações familiares e saúde mental. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog., 8(3), 127-33. Recuperado em 19 de setembro de 2019 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Vasconcelos, M. S., Holanda, V. R. de & Albuquerque, T. T. (2016). Profile of the aggressor and factors associated with violence against women. Cogitare Enferm., 21(1), 01-10. <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/07/698/41960-171298-1-pb.pdf>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Laiza Carvalho Costa – 24%

Edmeia Campos Meira – 22%

Andréa dos Santos Souza – 20%

Larissa de Oliveira Vieira – 14%

Pamella Bispo Botelho – 11%

Vanda Palmarella Rodrigues – 9%